

O discurso profético messiânico na história do futuro do Pe Antônio Vieira

ANDRÉIA COSTA TAVARES*

Ao percorrer a História do Futuro do Pe Antônio Vieira podemos constatar que há um discurso diferente do encontrado na maioria dos sermões, trata-se do discurso profético messiânico. Neste artigo, serão expostos alguns conceitos básicos sobre profetismo e messianismo, bem como suas variantes, no objetivo de ser identificado o momento da justaposição desses conceitos no texto vieiriano. Logo em seguida, serão apontados os materiais de ordem filosófica e doutrinária, como os textos sacros e iluminados, que serviram de arcabouço religioso significativo na efetivação desse discurso.

1.1. O conceito de profetismo, messianismo e suas variantes

A palavra profecia, no grego *propheteía* e no latim *prophetia*, significa predição futura feita por um profeta, um oráculo, um vaticinador ou um pressagista. Há doutrinas religiosas que se baseiam em profecias: o judaísmo e o cristianismo, por exemplo, são duas religiões que valorizam-nas. A ponto de, tanto em Israel quanto em Portugal, chegarem a ser aceitas como elementos formadores do cânon, porque no período da fundação de ambas nações, houve um momento em que as leis e as profecias se justapuseram. Para o historiador José Van Den Besselaar (BESSELAAR. 1987: p.33), isso ocorre em sociedades sacrais, no qual o povo passa a acreditar de tal maneira na profecias que estas mobilizam-no a ser um motor poderoso no processo histórico.

* Andréia Costa Tavares é professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal/Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação, mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília.

Em Israel, antes dessa lícita união, segundo Toynbee (Apud BLENKINSOPP. 1977: p.1), a forma ideal de vida expressada através dos mitos e leis constituiu a ordem normativa diante da mudança dos padrões sociais e políticos encontrados por toda a parte da história, porque a profecia livre durante o período da fixação, além de assegurá-la, capacitou-a a sobreviver equilibradamente à destruição do Estado. Conseqüentemente, no processo histórico, o fator crucial veio a ser a relação entre a ordem normativa e a profecia. Daí que o culminar na justaposição foi apenas, de acordo com Joseph Blenkinsopp (BLENKINSOPP.1977.p.2), um passo importante para a formação do cânon hebreu.

Do mesmo modo, José Van Den Besselaar (BESSELAAR, 1987, p. 31-35) percebeu esse lado documental das profecias, comparando o valor das profecias com o valor dos documentos históricos. Segundo ele, as profecias, na ausência de outros registros legais, puderam substituir e alcançar certa veracidade perante a sociedade medieval.

Se colocarmos essas sociedades sacrais, lado a lado, chegamos a algumas considerações. Primeira, ambas creram na interferência divina por ocasião de sua fundação: o povo de Israel, antes mesmo da escritura da Torah, declarou que os filhos de Abraão seriam espalhados pela terra e formariam uma grande nação. A lenda portuguesa, por sua vez, relata que o próprio Cristo havia aparecido ao primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques. A segunda consideração, tanto Israel quanto Portugal deram provas da sua fé na vinda de um libertador, seja um messias bíblico ou um messias previsto pelas novas profecias messiânicas portuguesas. E por último, os profetas falaram com mais frequência quando a identidade nacional sentia-se ameaçada pelas nações vizinhas.

As fronteiras do sagrado e do profano nem sempre aparecem nítidas. Das profecias canônicas (profecias consagradas pela igreja) às profecias iluminadas (profecias modernas aceitas com verídicas pela sociedade) tudo parece ser uma questão de tempo. Em Portugal, isso ocorreu, porque os profetas reinterpretaram o texto sagrado e reformularam-no inserindo-lhe as lendas e as crenças daquela época.

As profecias poderiam tratar de inúmeros assuntos desde a queda de um reino ou de um rei e todas as circunstâncias que concorreriam para que tal acontecimento sucedesse, bem como as vitórias e sucessos que o povo alcançaria se o contrário acontecesse. Esses vaticínios, tocavam profundamente no consciente possível¹ e apareciam, principalmente, quando o povo estava no cativeiro, como aconteceu com Israel e com Portugal. Outro ponto em comum é que o tema principal das profecias milenaristas era a vinda do Messias.

O termo messias pode significar: uma pessoa ou coletividade, na qual se concretizam as aspirações de salvação ou redenção; uma pessoa a quem Deus comunica algo de seu poder ou autoridade; um líder carismático; ou uma pessoa esperada ansiosamente para fazer uma reforma social. De acordo com Max Weber (Apud QUEIROZ, 1965. p.5) messias é uma categoria dentro da classe dos profetas, uma espécie de salvador político para os judeus. Portanto, profeta e messias são termos e funções diferentes das de sacerdote. Enquanto este reclama autoridade porque está a serviço de uma tradição sagrada, os outros dois trazem uma mensagem nada tradicional, em virtude da inspiração diretamente recebida de Deus. O messias não é um líder burocrático legal, ele é um líder carismático. Por carismático deve-se entender:

A qualidade extraordinária que possui um indivíduo condicionada de forma mágica em sua origem, que se trate de profetas, de feiticeiros, de árbitros, de chefes de bando ou de caudilhos militares); em virtude desta qualidade, o indivíduo é considerado ora como possuidor de forças sobrenaturais ou sobre-humanas – ou pelo menos especificamente extraquotidianas, que não estão ao alcance de nenhum outro indivíduo – ora como enviado de Deus, ora como indivíduo exemplar e, em consequência, como chefe caudilho, guia ou líder. (WEBER, Apud QUEIROZ, 1965: p.6)

Max Weber e Alphonse Halphen, após inúmeras pesquisas, segundo Queiroz, procuraram sintetizar o conceito de messias de maneira que captasse os aspectos mais gerais do fenômeno messiânico, e chegaram à seguinte conclusão:

¹ Palacin em seu livro **Vieira e a visão trágica do Barroco**. São Paulo, Hucitec-Brasília, INL, 1986. (Coleção Estudos Históricos). Luís Palacin desenvolve 4 estudos sobre a consciência possível baseando-se, principalmente, em Goldmann e esclarece que o conceito de consciência possível indica a forma limite – o máximo de conhecimento ou compreensão que um indivíduo, um grupo, uma classe social ou toda uma época podem alcançar sobre um problema, dados os condicionamentos que limitam sua visão.

O messias é alguém enviado por uma divindade para trazer a vitória do Bem sobre o Mal, ou para corrigir a imperfeição do mundo, permitindo o advento do Paraíso Terrestre, tratando-se pois de um líder religioso e social. O líder tem tal status não porque possui uma posição dentro da ordem estabelecida, e sim porque suas qualidades pessoais extraordinárias, provadas por meio de faculdades mágicas ou estáticas, lhe dão autoridade; trata-se de um líder essencialmente carismático. (QUEIROZ, 1965: p.5)

No Velho Testamento, messias é na maioria das vezes designativo de reis ou sacerdotes, passavam pelo ritual da unção régia ou sacerdotal. Mas há outro significativo, segundo o pensamento rabínico e conforme testemunha o texto do êxodo (XXVIII, 41); messias é o “yemot hamashiah”, aquele que contribui para a instauração da idade messiânica, um agente humano dotado de qualidades sobrenaturais, que conseguiu trazer Israel as bênçãos idílicas dos profetas e restaurará o templo e a cidade santa. Ele é o profeta, o guerreiro, o juiz, o rei e o mestre da Torah.

A partir do Novo Testamento, sobretudo por meio do evangelho de São João, Atos dos Apóstolos e Evangelhos Sinópticos de Mateus, Marcos e Lucas é superada a dicotomia Messias Rei e depurado o poder temporal que tinham os reis de Israel. A equação Messias Cristo, no Novo Testamento atesta mais do que tudo um Libertador, um Salvador, um Redentor espiritual. Surpreendentemente, com o advento do cristianismo, o que se notou foi a junção da crença messiânica com a ideia do Juízo Final. A este respeito, Alphandéry escreve que o personagem Cristo guerreiro está descrito na tradição sibilina judeo grega, no Apocalipse joanino e no Evangelho de Nicodemos:

No Apocalipse de São João, Cristo é um guerreiro que retorna a dar combate ao Anticristo, saindo vencedora Vitória antecede o Juízo Final. Na tradição judeu-grega, o “rei dos últimos dias” estabelece a unidade entre as nações Mas determina a vinda do Anticristo; Cristo, então, desce a Terra para lutar contra este, vence-o, ocorrendo o Juízo Final. O Evangelho de Nicodemos, por sua vez, celebra a descida de Jesus aos infernos, onde combate e vence o príncipe das trevas, tudo contado com abundância de imagens guerreiras: tem lugar então uma primeira ressurreição, de que gozarão somente os justos que Jesus livrou do inferno. A tradição popular exagerou esses traços guerreiros, que formaram finalmente a figura de Cristo, rei dos últimos dias. (ALPHANDERY. Apud QUEIROZ, 1965: p.4)

As cruciais divergências entre o povo judeu e o povo cristão vêm desde esse período histórico. Com o nascimento de Jesus Cristo, os cristãos viram a promessa da vinda do messias ser cumprida; no entanto, o povo judeu não viu a mesma coisa.

Explanando sobre os judeus, Vieira fez o seguinte comentário em torno do Messias:

Não acreditam na trindade de Deus, nem que Deus tenha filho (...) Nem que veio ao mundo para a redenção universal Do gênero humano, nem para libertar do cativo do Pecado, nem para abrir as portas do Céu, nem para serem Justificados por meio do seu sangue, senão que é ou que há De ser um homem como os outros homens, descendente da Tribo de Judá, e que a sua redenção é particular e não Universal. (VIEIRA, 1957, p: 2)

Mas o fato de os judeus quererem um messias guerreiro não implicava na sua condição quase que divina. Rei e sacerdote, em Israel, era quase o mesmo. Para ilustrar, os escritores de Herança Messiânica, transcrevem a citação de Maccoby que diz: “Todo rei judeu da Casa de Davi foi conhecido como Messias ou Cristo, e uma maneira usual de se referir ao Sumo Sacerdote era o Sacerdote Messias.” (MACCOBY Apud BAINGENT, LEIGH, LINCOLN, 1994: p.31)

O papel político não era necessariamente omitido, todavia ele e tudo ao seu redor vinham envoltos por uma auréola divina: Israel era a nação eleita, o seu rei era maior do que o das outras nações, inclusive Roma.

Um ponto que deve ficar claro é que os profetas tentavam passar para o povo uma ideia messiânica bem mais abrangente, porém, o povo não conseguia perceber a dupla natureza do Messias das Escrituras. Eles transferiram os atributos do Messias anunciado pelos profetas ao messias rei, ou seja, para eles o rei era sacerdote, apenas por ser rei.

Que respostas poderão ser dadas acerca de todos os conceitos arrolados? Acima de tudo, que a heterodoxia cristã portuguesa chegou a concordar com a ortodoxia judia, em especial, quando o povo angustiado precisou crer no retorno de uma Idade de Ouro. E mais além, juntamente com a ideia da futura vinda de um Messias, de um Redentor ou de um Desejado, o messianismo português desenvolveu um messianismo dentro da perspectiva escatológica, no qual o elemento principal é o retorno de Cristo no fim do mundo e o estabelecimento de um império espiritual cristão, segundo Vieira na História do Futuro.

1.1.2. A posição de Vieira

Profecia, de acordo com Vieira, é um texto sagrado de difícil penetração que, apesar disso, merece toda a atenção e respeito do leitor, pois, ora conta o destino de um simples indivíduo (no caso do leitor português da História do Futuro), ora revela o futuro de portentosas nações (Portugal e os demais países católicos).

Para Vieira, os vaticínios são tão sagrados que não podem de maneira alguma serem confundidos com as fábulas e as adivinhações. Se as profecias canônicas e iluminadas devem ser recebidas com toda a credibilidade possível, as adivinhações, por sua vez, não devem ter alguma aceitação pública. Portanto, Vieira refuta toda e qualquer ciência do futuro ou forma mântica: geomancia, aeromancia, piromancia, fisiognomia, quiromancia, astrologia judiciária, nigromancia e outras. (VIEIRA, 1982, p.42-43), inclusive se as cita em sua obras é para tão somente provar que o futuro sempre foi matéria na pauta diária da humanidade.

Ainda em relação à validação das profecias, encontramos no capítulo X, a brilhante argumentação sobre a verdade do seu texto profético. Segundo ele, há quatro gêneros de verdade nas profecias: verdade com certeza de fé, verdade com certeza moral, verdade com certeza teológica, e verdade com certeza provável. Conforme o autor, a sua História é verdadeira porque vem tecida por textos canônicos e iluminados reconhecidos pela Igreja. Daí, o porquê de Vieira persistir com o seu silogismo e dizer que estes textos “de princípios sobrenaturais não evidentes, mas certissimamente conhecidos, tiram conclusões teológicas, também científicas e ainda mais certas, posto que não evidentes” (VIEIRA, 1982, p.145) Para ele, a cientificidade pode estar presente nas profecias: se os historiadores do passado recorreram aos documentos históricos, os historiadores do futuro podem e devem recorrer às profecias.

No capítulo X, Vieira continua com o seu discurso retórico e responde a uma suposta objeção, mostrando que o melhor comentado das profecias é o tempo:

Um pigmeu sobre um gigante pode ver mais que ele. Pigmeus nos reconhecerem em comparação daqueles gigantes que olharam antes de nós para as mesmas escrituras. Eles sem nós viram muito mais do que nós pudéramos ver sem eles; mas nós, como viemos depois deles, e sobre eles por benefício do tempo, vemos hoje o que eles viram, e um pouco mais. (VIEIRA, 1982, p.150)

Foi visto o porquê do texto ser considerado sagrado e o porquê dele ser complexo; agora cabe-nos ver que espécie de futuro está sendo predita na **História do futuro**. A respeito disso, o autor informa-nos, logo no início, que existem dois futuros: um futuro que em muito há de ser, o “*neque futura*”, e um outro futuro que brevemente há de ser presente, o “*neque instantia*”. Sendo que este último, seria o da História de Vieira.

Uma pergunta poderia ser feita acerca do discurso optado pelo escritor: o que o levou a ser um historiador do futuro? Segundo o próprio Vieira, o maior serviço que um vassalo pode prezar à sua pátria é revelar-lhe os futuros, por isso, ele quis escrever a sua História do Futuro e para tal, optou pela linguagem dos oráculos.

1.2 As profecias canônicas e as profecias iluminadas

Em relação aos canônicos estes farão referência ao Quinto Império - reino do *bonum futurum*, da esperança e da felicidade para os católicos - como é o caso da profecia de Daniel sobre os cinco elementos da estátua ou da profecia de Zacarias sobre as quatro carroças de diferentes cores (impérios). A primeira relata um sonho com uma estátua, que de acordo com rei de Babilônia, era constituída por cinco elementos importantes: ouro (cabeça), prata (peito e braços), bronze (ventre até antes dos joelhos), ferro (joelhos) e uma mistura de ferro e barro (os pés de ferro e de barro), estes surgiram, caíram, e sucederam-se um após o outro até o último elemento que foi totalmente destruído por uma pedra que veio de fora da estátua, para só então, crescer e expandir-se até transformar-se num monte gigantesco. E na segunda, o próprio profeta

sonha com quatro carroças puxadas por quatro cavalos de diferentes cores que saem de dois montes de bronze. Aos da primeira carroça chamou-lhes ruivos, aos da segunda carroça chamou-lhes negros, aos da terceira carroça chamou-lhes brancos, aos da quarta carroça chamou-lhes vários, e estes, dentre os outros, eram os mais fortes.

A primeira menção a Bandarra encontra-se no capítulo dedicado às utilidades da História. O engenhoso escritor a fim de provar que Deus revela o futuro aos homens com o único objetivo de mostrar que só a Ele pertence o destino, leva os leitores a crerem na autenticidade das profecias bandarristas, lembrando-lhes das que foram cumpridas:

Antes da sua ressurreição, que todos vimos também, foi revelado o sucesso dela com todas as suas circunstâncias, não havendo quem ignorasse ou quem não tivesse lido que no ano de quarenta se havia de levantar em Portugal um rei novo, e que se havia de chamar João (...) (BESSELAAR, 1987, p. 50)

As trovas de Bandarra foram compostas no reinado de D. João III, entre os anos de 1530 e 1540, foram transladadas por Heitor Lopes, judeu converso, vizinho de Bandarra e depois copiadas no meio dos cristãos novos e dos simpatizantes do ideário messiânico.

Há, ao todo, cerca de oito edições das trovas, contudo faz-se necessário informar que estas foram forjadas de acordo com a necessidade do momento, ou do grupo messiânico dominante, que ora era o sebastianista, ora o joanista (Vieira).

O conteúdo das trovas pode dividir-se em três partes. Na primeira parte, composta por dezesseis quadras, temos uma dedicatória a D. João de Portugal, em que Bandarra compara as suas profecias com os produtos do seu ofício de sapateiro. Na segunda parte, composta de novo por dezesseis quadras, há uma espécie de crítica social. Bandarra vê a decadência do seu tempo no meio do clero, dos magistrados, e fala ainda da frivolidade das mulheres e da ostensividade dos fidalgos; na terceira parte, vem a matéria propriamente dita; a mesma encontra-se repartida em cento e quarenta e três trovas que agrupam-se em três sonhos:

1º sonho – composto por 73 estrofes, nele Bandarra anuncia que El-Rei sairia com tropa gigantesca a conquistar a Terra Santa (essa tropa seria auxiliada pelas dez tribos de Israel), e depois regressaria com duas coroas;

2º sonho – composto por 15 estrofes, trata com relevo a derrota dos turcos no levante de Évóar e da aliança do rei Encoberto com o Papa Angélico;

3º sonho – composto por 45 estrofes, divide-se em duas seções, na qual na primeira, há uma descrição do aparecimento das dez tribos de Israel minuciosamente, e conversa com um dos líderes das tribos, apresentando-se como um amigo, e não como um judeu; e na segunda, ele alterna as visões futuras de felicidades e catástrofes com alusões ao tempo em que as profecias se hão-de cumprir.

Considerações finais

Nesta breve exposição pudemos perceber que os textos canônicos dos quais o escritor barroco retira os fundamentos do seu discurso são os proféticos de caráter messiânico, pois, as profecias de Daniel e Zacarias anunciam o reino do Quinto Império e as trovas de Bandarra revelam o futuro rei-messias, rei Encoberto (D. João IV), na interpretação vieiriana.

REFERÊNCIAS

ALPHANDÉRY, Paul. *Notes sur le messianisme medieval latin. Rapports Annuels de la Section des Sciences Religieuses. École Pratique des Hautes Études*. Paris, 1898-1914. P. 14-19. Apud QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Dominus, 1965.

BAIGENT, Michael, LEIGH, Richard e LINCOLN, Henry. **A herança messiânica** (Trad. Maria Luiza Borges). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

BESSELAAR, José Van Den. **O sebastianismo: história sumária**. Lisboa: Biblioteca Breve/I.C.L.P., 1987.

COOPER, David. **Messiah: his nature and person**. California, Biblical Research Society, 1933.

PALACIN, Luis. **Vieira e a visão trágica do barroco**. São Paulo: Hucitec-Brasília, INL, 1986.

TOYNBEE, Arnold. **A study of history**. Oxford: Oxford University Press, 1972. In: BLENKINSOPP, Joseph. **Profecy and canon**: a contribution to the study of jewish origins. London, University of Notre Dame Press, 1977.

VIEIRA, Antonio. *História do Futuro*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1982.

_____. *Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício*. Salvador: Livraria Progresso, 1957.

WEBER, Max. *Economia y sociedad*. Mexico, Fondo de Cultura, v.1. p. 252-253 Apud QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Dominus, 1965.